

A300 204

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

Reforma do aeroporto não resolve

A afirmação é de especialista do Sindicato dos Aeronautas, que sugere ao governo desativar o aeroporto de Vitória

BRASÍLIA – Pilotos apontaram deficiências em seis aeroportos do País. Nessa lista, está o aeroporto de Vitória e os aeroportos de Joinville e Navegantes, em Santa Catarina, Ilhéus (BA), Carajás (PA) e Pampulha (MG).

E os problemas são pistas curtas, falta de áreas de escape e presença de obstáculos geográficos (morros e serras), que dificultam os pousos e as decolagens.

Os pilotos ainda apontam deficiências no Santos Dumont e em Congonhas. “No caso de Ilhéus, Carajás e Vitória seria melhor o governo desativar e construir outros terminais”, afirmou Célio Eugênio, assessor em Segurança de Voo e de Políticas Internacionais do Sindicato dos Aeronautas.

No caso de Joinville e Navegantes, disse o especialista, o ideal seria construir uma pista alternativa com melhores condições de segurança para substituir as operações nos dois aeroportos.

A Infraero informou que iniciou as obras para construção do novo aeroporto de Vitória, mas a obra está paralisada devido a



questões ambientais.

Os pilotos defendem que Congonhas tenha o mesmo destino do Santos Dumont, que receberá principalmente os vôos da ponte aérea e da Pampulha que, por determinação da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), somente pode ser utilizado por empresas regionais. A norma entrou em vigor no mês passado.

Segundo a estatal, neste ano há obras em andamento em 10 aeroportos, todas elas incluídas no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Ainda de acordo com a Infraero, o PAC prevê investimentos a serem iniciados em outros dez aeroportos.

Entre eles, estão Tom Jobim, Porto Alegre, Salvador, Recife, Curitiba, que, pelo levantamento do governo, necessitam de reformas urgentes.



LEONEL ALBUQUERQUE

Pista do aeroporto de Vitória é considerada deficiente

Oito maiores têm problemas

BRASÍLIA – Dos 10 aeroportos mais movimentados do País, somente dois – Juscelino Kubitschek (Brasília) e Confins (Belo Horizonte) – não apresentam atualmente restrição ou deficiência nas pistas.

Os outros oito, por onde passaram mais de 16,5 milhões de passageiros no primeiro semestre deste ano, têm problemas nas pistas, que vão desde atrito insuficiente a buracos, fissuras e trincas.

Os primeiros resultados de um levantamento que está sendo feito por órgãos do governo fe-

deral ligados ao setor aéreo mostram problemas em Congonhas e Guarulhos, em São Paulo; no Santos Dumont e no Tom Jobim, no Rio; além dos de Salvador, Porto Alegre, Fortaleza e Curitiba. Quando forem coletados os dados sobre todos os aeroportos do País, o trabalho será apresentado ao Conselho de Aviação Civil (Conac).

O relatório parcial mostra que, no caso do Santos Dumont, a chamada camada porosa do pavimento terá de ser totalmente substituída para aumentar o atrito.

“Presidir a Infraero foi terrível”

O brigadeiro José Carlos Pereira, que vai deixar a presidência da Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero), disse ontem que estar à frente da empresa “foi terrível”. “Mas fora isso, tudo bem”, completou.

O ministro da Defesa, Nelson Jobim, confirmou a demissão do brigadeiro, na última sexta-feira. No lugar dele, assumirá Sérgio Gaudenzi, que presidia a Agência Espacial Brasileira.

Pereira assumiu a presidência da Infraero em março de 2006. Para ele, “os piores momentos foram os dois acidentes aéreos”, em referência aos desastres com o voo 1907 da Gol, em setembro de 2006, e com o voo 3054 da TAM, no dia 17 julho deste ano.

Questionado sobre o que fará depois de entregar o cargo, disse: “Vou cuidar da minha vida”.

Segundo a Infraero, a transferência de cargo está prevista para amanhã. Mas o ministro Nelson Jobim ainda não tomou as providências administrativas para que a troca ocorra.

A substituição de presidentes da Infraero deve ser aprovada pelo conselho de administração da empresa, que toma a iniciativa de acolher o pedido do ministro.

Filiado ao PSB, Gaudenzi tem trânsito entre os militares, particularmente os da Força Aérea Brasileira (FAB).

Sua indicação, justamente por este perfil político, foge um pouco à ideia inicial do governo e, particularmente da Casa Civil, de colocar nos cargos pessoas com perfis técnicos.

Um dos fatores que pesaram na sua escolha teria sido a sua fama de excelente gestor. O último civil a comandar a Infraero foi o deputado Carlos Wilson (PT-PE), que teve a gestão muito criticada.